

Clarice Lispector e a difusão de sua literatura na Espanha

LUCILENE MACHADO GARCIA ARF *

RESUMO: Clarice Lispector teve seu primeiro texto publicado na Espanha em 1965, mas apenas nos anos 90 sua obra é reconhecida pelo público espanhol e passa a fazer parte do repertório de leituras do país europeu, contando com um grupo fiel de leitores. Este trabalho mapeia a recepção das obras de Lispector na Espanha a partir de 1965 até 2012 e os caminhos percorridos para que essa literatura fosse re-situada no país estrangeiro. Considera, ainda, a especificidade da situação histórica e os diálogos estabelecidos entre espaços e temporalidades. Os tempos entre produção e tradução se mesclam, e aos leitores isso implica transitar, de modo proficiente e colaborativo, entre as distintas línguas e diferenciadas épocas. O que, segundo Wolfgang Iser, inclui as condições de realização do texto como um objeto sob um aspecto espacial, com uma determinada forma; e sob um aspecto temporal, cuja produção de significado literário é um processo que o texto põe em movimento. Legitimar uma obra, em outro contexto cultural, parte da consciência intelectual ou estética capaz de enxergar as pertinências e impertinências dos sonhos e ilusões que acalentamos ou refutamos. Abordamos, também, a perspectiva crítica sobre a produção clariciana e os contornos que essa crítica ganhou nos últimos anos, bem como os mediadores que possibilitam a complexa conexão entre as camadas instauradoras da recepção.

PALAVRAS-CHAVE: Clarice Lispector; Crítica Literária; Leitura; Mediação; Recepção; Tradução.

ABSTRACT: Clarice Lispector had her first text published in Spain in 1965, but it was only recognized by the Spanish readers in the 90's, and then it became part of the European literary range. The present study frames the reception of Clarice's works in Spain from 1965 to 2012, and how this literature was replaced there. It also considers the historical situation, and the relations between time and space. The time between construction and translation blend, which means to the readers to stroll, in a proficient and collaborative way, among the distinct languages and periods. This, according to Wolfgang Iser, includes the conditions of the text writing as an object under a space aspect with a determined form; and under a time aspect in which the literary understanding is a process the text sets in motion. Legitimize a literary work in another cultural context emerges from the intellectual or aesthetical awareness capable of identify relevance or not of our dreams and illusions inside us. It is also discussed the critical perspective over Clarice's production, and the outlines this critique has established the past few years, as well the complex connections among the reception levels.

KEYWORDS: Clarice Lispector; Literary criticism; Mediation; Reading; Reception; Translation.

* Departamento de Letras Modernas; Programa de Pós-Graduação em Estudos Fronteiriços – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul – campus do Pantanal – UFMS/CPAN – 79304-902 – Corumbá – Brasil. E-mail: lucilenemachado@terra.com.br

A primeira versão literária de Clarice Lispector para o idioma espanhol se deu com o conto *Dibujando um niño*, cujo original se intitula “Menino a bico de pena”, da obra *Felicidade clandestina*. O texto foi publicado na Espanha na *Revista de Cultura Brasileña*, em junho de 1965, com tradução de Pilar Gómez Bédate. No decorrer da década de sessenta e setenta apareceram vários comentários de sua obra nas páginas da mencionada revista, mas nenhum outro texto de sua autoria voltaria a ser publicado.

Presume-se que a primeira grande difusão da obra de Clarice fora do Brasil, aconteceu em 1978 (embora a primeira edição francesa de *Perto do coração selvagem*, pela editora Plon, com capa de Henri Matisse, date o ano de 1954, época em que Clarice, ainda viva, mostrou-se um tanto indignada com tal tradução) especialmente pela editora francesa “Editions Des Femmes” – que levantava a bandeira do “feminismo da diferença” e que empreendeu a tarefa de traduzir para o francês todos os livros de Lispector. Uma iniciativa muito proveitosa, considerando a projeção internacional que estavam dando à sua obra. Porém, como afirma a biógrafa espanhola de Clarice, Laura Freixas “nesse caso, foi uma faca de dois gumes, pois fez com que a obra de Lispector fosse etiquetada como ‘de mulheres’, cuja mentalidade patriarcal, significa automaticamente ‘para mulheres’” (FREIXAS, 2001 p. 15).

Pierre Rivas (2004) declara que a transmissão da literatura clariciana na França:

se fez através da literatura feminista que ela jamais tencionou representar; Clarice encontrou na França um *passer* importante em Hélène Cixous e é uma referência incontestável para uma parte da literatura feminina, e não só. Certamente trata-se do único escritor brasileiro que teve uma fecundidade e uma posteridade literária, mesmo se no início a obra teve sua interpretação um tanto orientada. É um dos raros casos — ou o único — de inclusão de um texto brasileiro em um certo sistema francês — mas à margem, num subconjunto literário que se reivindica à margem, e que apesar de tudo ela consegue transcender (RIVA, 2004, s/p).

A crítica literária espanhola Áurea Fernández Rodríguez menciona também o fato de Clarice haver sido condicionada à literatura feminista e afirma que, a princípio, as traduções para o francês foram feitas pela editorial francesa Des Femmes, de forma que a produção de Lispector se converte em um dos poucos casos em que uma literatura marginalizada consegue penetrar um sistema literário. Ela assinala:

Apesar de situar suas histórias no absoluto e proclamar que expressam realidades universais, Clarice Lispector se converteu em uma referência incontestável para uma boa parte da corrente feminista francesa dos anos 1970 e 1980. Em seu ensaio lírico intitulado *Vivre l'orange* Hélène Cixous – que desempenhou um papel muito importante na introdução da obra de Clarice no sistema literário francês – a apresenta como o modelo de uma escrita autenticamente feminina. (RODRÍGUES, 2010, p.101)¹.

1 A pesar de situar sus relatos en el absoluto y proclamar que expresa realidades universales Clarice Lispector se ha convertido en una referencia incontestable para una buena parte de la corriente feminista francesa de los años 1970 y 1980. En su ensayo lírico titulado *Vivre l'orange* Hélène Cixous – que desempeñó un papel muy importante en la introducción de la obra de Clarice en el sistema literario francés— la presenta como el modelo

No âmbito da língua espanhola, como também ocorreu com outros escritores brasileiros, a obra clariciana foi traduzida antes na América Latina. Houve edições na Argentina, Venezuela e Chile. Por conta dessas publicações na América do Sul, principalmente na Argentina, em 1976 chegaram à Espanha notícias de uma escritora brasileira chamada Clarice Lispector.

A revista espanhola *Triunfo* (1976) publica o texto “Tristes trópicos: com Clarice Lispector en el Rio”, uma entrevista realizada pela jornalista argentina María Esther Gilio, cujas páginas, que sofreram o desgaste do tempo, estão digitalizadas na biblioteca da Universidade de Salamanca (USAL) em Salamanca, Espanha. *Triunfo* foi uma revista que circulou durante os anos de 1962 a 1982 e foi referência editorial da resistência intelectual ao franquismo. A entrevista revela a complexa personalidade de Clarice, sobretudo nos últimos anos de vida quando se manteve bastante reclusa e resistente ao contato com jornalistas. A entrevista foi realizada em seu apartamento no Rio de Janeiro, em período de carnaval. A própria Clarice recebeu Maria Esther à porta de sua casa, fazendo-a entrar e se acomodar. A jornalista preparou suas ferramentas de trabalho e esperou que, por sua vez, Clarice se sentasse. Porém esta dava voltas pela casa atrás de um cachorro velho com quem falava num tom monótono e um pouco ausente.

Segundo a jornalista, Clarice tinha um olhar cansado e fixo. Eram os mesmos olhos dos retratos pendurados entre quadros de paisagens e natureza morta. As técnicas e a idade da modelo variavam, mas os olhos eram sempre os mesmos. Desde o início sabia a periodista que seria muito difícil arrancar algumas palavras de Clarice. Durante uma comprida meia hora, falaram sobre o Rio, o calor, carnaval, o cachorro, os cachorros, o frio e outra vez o cachorro, um *fox terrier* muito astuto que se comprazia em manejá-la, o que fez a jornalista recordar experiências de outra colega que após duas horas com a escritora voltou com uma gravação onde se ouvia apenas os sons de suas próprias palavras. Pensou então em elaborar a primeira pergunta de uma forma que, se Clarice não respondesse adequadamente ficaria em suas mãos. Assim, vociferou: “Sua fama em Buenos Aires parece não coincidir com a senhora mesma. Dizem que a senhora é indescritível, difícil, que não fala. Para mim, parece diferente”.² Ao que Clarice respondeu não ser assim como diziam, mas que os colegas da moça tinham razão, “tudo o que eu tenho a dizer, digo nos meus livros” (GILIO, 1976, p. 52 — tradução nossa)³.

Na ocasião falou algumas poucas palavras sobre amor, timidez, leitores, sua responsabilidade com o mundo, inclusive Deus, falou de comunicação e por três vezes referiu-se ao livro de Renato Carneiro Gomez, e que a jornalista poderia consultá-lo, pois nele, ela própria respondia muitas interrogações, por escrito, que talvez esclarecessem dúvidas sem a necessidade das perguntas.

de uma escritura autenticamente femenina. (RODRÍGUES, 2010, p. 101).

2 Su fama en Buenos Aires parece no coincidir con usted misma. Se dice que usted es elusiva, difícil, que no habla. A mí no me parece así.

3 “todo lo que tengo a decir lo digo en mis libros” (GILIO, 1976, p. 52).

Para compensar a falta de palavras, a jornalista complementou o texto com informações sobre a vida da brasileira, suas publicações e impressões sobre a casa da autora, assim como a cidade do Rio de Janeiro.

No ano seguinte, 1977, portanto antes da publicação de Clarice por Cixous na França, é publicado na Espanha *Cerca del corazón salvaje*, com tradução de Basílio Losada, tradutor, crítico literário e então catedrático de *Literatura Gallega y Portuguesa* da Universidade de Barcelona. Losada é autor de numerosos estudos críticos sobre literatura galega, portuguesa e brasileira. Recebeu na Espanha o Prêmio Nacional de Tradução por *Memorial do convento* de José Saramago, a “Comenda da Ordem do Infante D. Henrique”, outorgado pelo governo português, “A Ordem do Cruzeiro do Sul”, do Brasil, entre tantos outros. Aposentou-se em 2000, mas seguiu compartilhando suas experiências com outras universidades.

Basílio Losada descobriu a literatura brasileira, sozinho, nunca ouvira falar nada sobre esta, na universidade. Um dia viu em uma livraria de livros usados *Os velhos marinheiros* – de Jorge Amado, que veio a ser seu grande amigo posteriormente, e foi assim que começou sua paixão. Desde então, passou a ser um leitor e defensor da literatura brasileira empenhando-se para que esta fosse lida pelos espanhóis. Visitou o país, pela primeira vez em 1970 e conheceu de perto nossa língua e os nossos contrastes. Nos anos seguintes, percorreu a Espanha de editora em editora com um livro brasileiro embaixo do braço, tentando convencer os editores de que o Brasil não era apenas um país de futebol, carnaval e praias. Mais tarde foi trabalhar como editor, dirigindo a seção de literatura de duas importantes editoras, hoje desaparecidas, a Editorial Caralt e a Editorial Noguer. Sua primeira preocupação foi que essas editoras publicassem livros brasileiros. Em uma região como a Catalunha onde, segundo ele, tudo é medido e pesado, obviamente encontrou uma série de dificuldades, mas conseguiu algumas publicações. Publicou, evidentemente, *Os velhos marinheiros*, publicou Autran Dourado, Machado de Assis, Guimarães Rosa e, em 1977, Clarice Lispector, em uma época em que a literatura brasileira estava totalmente fora dos circuitos, uma literatura que não entrava nos intercâmbios editoriais. Sobre Clarice, afirmou: “poderia falar das permanentes transgressões da linguagem de Clarice Lispector, sua constante tentativa de inventar uma linguagem, porque inventar uma linguagem nova é inventar um mundo novo” (LOSADA, 2003, p. 38). O tradutor e crítico espanhol orgulha-se de ter introduzido na Universidade de Barcelona, dentro do programa de licenciaturas e doutorado, a prática constante da língua brasileira, como variante da portuguesa, e suas respectivas literaturas. Sobre a obra que ele traduziu, *Cerca del corazón Salvaje*, o crítico Rafael Narbona afirma que nela a narrativa da brasileira se distancia do romance regionalista e do folclore a que estava condicionada. Ainda que não se trate de um relato de cunho autobiográfico, o texto faz lembrar um diário, não de vivências, mas de sensações, o que aproxima Clarice de Virginia Woolf e Djuna Barnes. O fragmento abaixo apresenta algumas impressões do crítico:

Perto do coração selvagem introduziu nas letras brasileiras um estilo de narrativas muito distante das cores do romance regionalista. Diante do discurso engajado e o interesse pelo folclore, Lispector utilizou recursos da poesia e da filosofia para levar avante um rigoroso exercício de introspecção do mundo e de si

mesma. Sua indagação lhe revelou que a necessidade de conhecimento era tão inevitável quanto a impossibilidade de satisfazer esse impulso. Esta descoberta pode ser a causa de que desnude seus personagens da mesma identidade que lhes havia atribuído. Em *Perto...*, este procedimento prescinde de seu caráter alusivo, recorrendo ao pronome (ele, ela) para referir-se à Joana, Lídia e Otávio, os três vértices de um triângulo que simboliza as tensões entre o feminino e o masculino. Lispector não oferece conclusões. Apenas o rigor de uma escritura consciente de que o silêncio é a última estação da linguagem (NARBONA, 2002)⁴.

Todos os caminhos levam à Espanha

Além desse, a literatura de Clarice fez outro percurso para chegar à Espanha. Poderíamos dizer que foi outra rota, com outra intenção. Dessa vez ela chega ao país pelas mãos da agente literária Carmen Balcells, a mesma que promoveu o *boom* latino americano, o que fez abrir o leque das possibilidades. Mas, foi um caminho bastante lento. Clarice ainda era viva e, em entrevista concedida a Affonso Romano de Sant’Anna, em 20 de outubro de 1976, quando perguntada se sua obra estava sendo muito traduzida, declara cheia de entusiasmo:

Tenho outro agente literário. Pela primeira vez na vida. Carmen Ballcells me procurou e perguntou se eu queria. Eu disse: “Quero”. E ela me disse: “Você está sendo muito explorada. Está sendo muito explorada inclusive no Brasil”. Então aceitei (LISPECTOR, 2009, p. 197).

O fato de ter como vetor uma agente da importância de Balcells não foi garantia de sucesso, nem mesmo de publicação. As obras, ao chegarem à Espanha, eram reavaliadas, por critérios comerciais, nem sempre literários, para posteriormente ser decidido se seriam publicadas ou não. Foi o que aconteceu. Apenas nos anos 80 se tem novamente notícias da produção da escritora brasileira.

Em 1981 o periódico *La vanguardia* (um importante jornal de notícias) publicou um anúncio solicitando uma licenciada universitária para desempenhar um trabalho editorial. Laura Freixas, hoje crítica literária e disseminadora da obra de Clarice, então recém formada, enviou seu currículo e conseguiu seu primeiro emprego na referida agência. Recorda ela que, entre outros autores, Carmen Balcells representava Clarice Lispector e lhe chamou especial atenção o fato de uma escritora ter um nome parecido com o inglês, ser autora

⁴ *Cerca del corazón salvaje* introdujo en las letras brasileñas un estilo narrativo muy alejado del colorismo de la novela regionalista. Frente al relato comprometido y al interés por el folclore, Lispector utilizó los recursos de la poesía y la filosofía para llevar a cabo un riguroso ejercicio de introspección del mundo y de sí misma. Su indagación le reveló que la necesidad de conocer era tan inevitable como la imposibilidad de satisfacer ese impulso. Este hallazgo acaso sea la causa de que despoje a sus personajes de la misma identidad que les había atribuido. En *Cerca...*, este procedimiento prescinde de su carácter alusivo, recurriendo al pronombre (él, Ella) para referirse a Juana, Lidia y Octavio, los tres vértices de un triángulo que simboliza las tensiones entre lo femenino y lo masculino. Lispector no ofrece conclusiones. Sólo el rigor de una escritura consciente de que el silencio es la última estación del lenguaje. (NARBONA, 2002). Texto publicado em 2002 na revista *El Cultural*, por ocasião da segunda edição da obra *Cerca del corazón salvaje*. Disponível em: <<http://www.elcultural.com/revista/letras/Cerca-del-corazon-salvaje/4812>>.

de literatura policial e ser brasileira. Posteriormente descobriu que de policial não havia nada. Laura leu todos os livros de Clarice mesmo com as dificuldades linguísticas impostas pelo idioma português. Sempre que encontrava um brasileiro, comentava sobre Lispector. Segundo ela, todos a conheciam, já haviam estado com ela alguma vez e tinham sempre uma anedota a contar. Hoje, Laura Freixas orgulha-se de ter sido uma peça dessa engrenagem. Foi também ela, nos anos de 1985/86, convidada por um editor de prestígio a fazer um informe de leitura sobre a obra de Lispector; no entanto, como confessa, o texto deve ter ficado tão ruim que não conseguiu que fosse publicado. Em 1987, foi trabalhar na editora Grijalbo, de Barcelona, à frente de uma coleção literária que chamou *El espejo de tinta*. Nesse ínterim, conhece, em um curso literário, Cristina Peri Rossi, que veio a ser uma das importantes tradutoras espanholas da obra de Clarice. Na ocasião falaram sobre os contos claricianos que tanto Cristina, quanto seu amigo Julio Cortázar eram admiradores fervorosos. Cristina que levava anos propondo, sem êxito, a diferentes editoras traduzir os contos de Clarice, encontrou em Laura Freixas a oportunidade sonhada. Cristina traduziu e Freixas publicou, por meio da editora Grijalbo as obras *Silencio (Ondes estivestes de noite)* e *Felicidad Clandestina*, em Barcelona, no ano de 1988. No mesmo ano, pela editora Montesinos, é publicado *Lazos de família*, com tradução de Cristina Peri Rossi, também na cidade de Barcelona, na Catalunha.

Além destas, há ainda a hipótese de que Héléne Cixous foi quem tenha disseminado, com maior intensidade, a obra clariciana por toda a Europa, e isso inclui a Espanha. Alguns intelectuais brasileiros sustentam a tese de que a recepção de Clarice na Espanha está atravessada pelo olhar de Cixous e que esta seria uma mediadora com relevante importância. Os intelectuais espanhóis entendem de outra maneira. É um percurso um tanto duvidoso, sem contar que a primeira obra intermediada por Cixous foi editada na França em 1978, e na Espanha em 1977 já se havia publicado o livro *Cerca del corazón salvaje*, portanto pode-se dizer que alguns espanhóis leram Clarice sem o condicionamento feminista que seria sugerido pela francesa.

O professor António Maura Barandiarán, atualmente o estudioso de Clarice Lispector com maior número de publicações na Espanha, ao ser perguntado por mim, em entrevista, sobre essa questão, não discorda totalmente de que a escritora francesa tenha aberto um canal de penetração na Espanha; entretanto, não foi o primeiro, tampouco o mais importante. Ele afirma que:

Cixous não conhece o idioma português. Sua leitura clariciana está, portanto, embasada nas traduções francesas de sua obra. Tampouco conhece a literatura brasileira, pelo que ignora o contexto histórico e literário em que a obra foi produzida. Desconhece também a recepção da referida produção literária. Para Cixous, trata-se de um texto alheio ao tempo e ao espaço. O que a interessa em Clarice é sua condição de mulher. Suas análises são, portanto, sobre textos ideais femininos. Esta leitura, sem dúvida, influenciou a muitas leitoras e leitores da obra de Cixous, que posteriormente tiveram acesso à obra clariciana. Porém, não foi a única via de penetração dessa obra. Recordo que presenciei o surgimento da primeira tradução clariciana de *A hora da estrela* – pela editora Siruela. Antes havíamos publicado – utilizo o plural porque coordenei o referido número – na revista *El Passeur*, da mesma editora, alguns textos e comentários sobre sua obra.

Então, ainda não tínhamos divulgado as obras de Hélène Cixous na Espanha. Clarice foi lida antes e estou seguro que o será depois da leitura proposta pela escritora francesa (MAURA BARANDIARÁN, 2008)⁵.

Literatura clariciana: editoras, tradutores e livros publicados

Se na França a literatura de Clarice entrou pelas portas dos fundos, na Espanha ela vai propor uma nova inserção do Brasil no contexto europeu. Suas obras traduzidas para o espanhol atingem um universo significativo. A Agência Espanhola de ISBN, órgão equivalente à Biblioteca Nacional no Brasil, registra 41 obras de Clarice. Algumas possuem várias edições e outras foram publicadas em catalão e galego. Praticamente toda sua produção foi traduzida, inclusive a infantil.

Em 1988, portanto dez anos após a publicação de sua primeira obra na Espanha, é traduzida por Alberto Villalba Rodrigues e publicada pela editora Edicions 62, *La pasión según G.H.*, provavelmente a obra com maior fortuna crítica no país. No mesmo ano são traduzidos os livros de contos *Felicidad clandestina* (editorial Grijalbo) com tradução de Marcelo Cohen, *Lazos de familia* (editorial Montesinos) e *Silencio* (editorial Grijalbo) por Cristina Peri Rossi.

Ainda em 1988, a revista *El paseante*, importante vetor literário na Espanha, publica um número abordando a literatura no Brasil. Entre João Ubaldo Ribeiro, João Cabral de Melo Neto, Rubem Fonseca, Manoel de Barros, entre outros, está Clarice Lispector apresentada por Olga Borelli num texto que se intitulou “Clarice Lispector”. As doze páginas apresentam também retratos da brasileira, alguns inéditos, como uma fotografia com Olga Borelli e quatro cartas escritas pela escritora à amiga Olga.

O texto de Borelli e as cartas foram traduzidos por António Maura e, o fragmento (preâmbulo) do livro *Um sopro de vida* foi traduzido por Elena Losada Soler.

Em 1989 é publicada a obra *La hora de la estrella*, pela editora Siruela, em Madrid, traduzido por Ana Poljak, que verte para o espanhol, textos de várias línguas, como francês, italiano, inglês e catalão. São inúmeras suas traduções nas edições espanholas, porém, livros que tem como língua original o português, encontra-se apenas o de Clarice. Provavelmente não se trata de uma tradutora com experiência na cultura e literatura brasileira; ainda assim, fez uma boa tradução, com crítica positiva.

Depois disso, transcorre um período sem publicação da escritora brasileira e apenas

5 Cixous no conoce el idioma portugués. Su lectura clariceana está, por tanto, basada en las traducciones francesas de su obra. Tampoco conoce la literatura brasileña por lo que ignora el contexto histórico y literario en el que se ha producido esta obra. Desconoce también la recepción de dicha producción literaria. Para Cixous se trata de un texto ajeno al tiempo y al espacio. Lo que le interesa de Clarice es su condición de mujer. Sus análisis son, por tanto, sobre textos femeninos ideales. Esta lectura, sin duda, ha influenciado a muchas lectoras y lectores de la obra de Cixous, que posteriormente han accedido a la obra clariceana. Pero no ha sido la única vía de penetración de esa obra. Recuerdo que viví la aparición de la primera traducción clariceana de *A hora da estrela* en la editorial Siruela. Antes habíamos publicado – utilizo el plural porque coordiné dicho número – en la *Revista El Paseante*, de la misma editorial, algunos textos y comentarios a su obra. Entonces todavía no se habían divulgado las obras de Hélène Cixous en España. Clarice fue leída antes y estoy seguro que lo será después de la lectura propuesta por la escritora francesa (MAURA BARANDIARÁN, 2008).

em 1995 volta a ser publicada *A hora da estrela* para o galego (Província de Astúria) com tradução de Antón Garcia pela editora Trabe. Também nesse mesmo ano é publicado *Felicidad clandestina: silencio*, com tradução de Elena Losada Soler pela editora Círculo de leitores, em Barcelona. Ainda em 1995 a editora Grijalbo volta a editar, por meio da coleção “Espejo de tinta”, a obra *Silêncio*, com tradução de Cristina Peri Rossi.

Em 1996, é publicada novamente em galego *A paixão segundo G.H.*, sob a coordenação e tradução de Benedito Nunes e da Editorial/es: Association Archives de la Littérature Latino-américaine des Caraïbes et Africaine du XXe siècle. Amis de M. A. Asturias - ALLCA XX-Colección Archivos.

Em 1997, a editora Grijalbo reedita também *Felicidad Clandestina*, com tradução de Marcelo Cohen.

Em 1998 é publicado *La pasión según G.H.* pela editorial edicion 62 com tradução de Alberto Villalba; em 99 não ocorrem publicações, somente em 2000 é editada novamente *La pasión según G. H.*, agora pela editora El Aleph situada também em Barcelona na província da Catalunha, com tradução de Alberto Villalba Rodrigues.

Em 2001 há uma nova edição de *La hora de la estrella*, agora pela editorial Siruela, uma prestigiosa editora que passa a publicar toda a obra de Lispector, os livros publicados na Siruela são traduzidos pela professora Elena Losada Soler, que herdou do pai o amor pelo Brasil e por Clarice, e vai traduzir (e retraduzir) toda a obra da escritora. Em 2002 é publicado *Aprendizaje o el libro de los placeres*, com tradução de C. Sáenz de Tejada e J. García Gayo, que é, rapidamente, esgotado.

Em 2002, a editora Alfaguara de Madrid publica *Cuentos reunidos*, em um volume que reúne os contos da autora. Foram agregados os livros *Lazos de familia* e *Donde estuviste de noche?* traduzido por Cristina Peri Rossi; *La Legión extranjera*, por Juan García Gayó; *Felicidad clandestina* por Marcelo Cohen; *El vía crucis del cuerpo* e *La bella y la bestia* por Mario Morales. A obra conta ainda com um prólogo de vinte páginas, elaborado pelo professor e crítico literário Miguel Cossío Woodward.

Em 2003, a editora Siruela volta a publicar. Dessa vez o romance *La manzana en la oscuridad*, com tradução de Elena Losada Soler, em Madrid.

Em 2004, a mesma editora, com a mesma tradutora, lança *Água viva*.

Em 2005 é reeditado, pela Siruela, *Cerca del Corazón Salvaje* traduzido por Basílio Losada, constituindo a 3ª impressão da obra e esgotando-se rapidamente.

Em 2006 o número de traduções e publicações de Lispector aumenta consideravelmente. A editora Pagés edita em catalão, os livros *Aigua viva i l' hora de l'estrella* com tradução de Josep Domènech Ponsatí; e a editora Empuries publica, na mesma língua *La passió segons G. H.*, com tradução de Núria Prats Espar. Também são publicadas em espanhol, pela Siruela mais duas outras obras: *La ciudad sitiada* e *La lámpara*, ambos traduzidos por Elena Losada Soler, perfazendo um total de quatro obras em um ano.

Em 2007 ocorre novamente um grande fluxo de publicações. A Editorial Cruïlla, S.A. publica as obras *La dona que va matar els peixos* e *El misteri del conill que pensava*, ambos em catalão, com tradução de Natàlia Tomàs Anguera, e Enric Tudó Rialp, respectivamente.

Ambos tiveram, como língua de partida, o português. Ainda no mesmo ano a editora Siruela edita *Para no olvidar: crónicas y otros textos*, o que inclui crônicas, contos, e alguns pequenos textos que Clarice publicou em jornal e que talvez não se enquadrem em nenhum dos gêneros anteriores, além de *Aprendiendo a vivir: y otras crónicas*, ambos com tradução de Elena Losada Soler.

Em 2008 ocorre a culminância de todo esse empreendimento de traduzir e publicar Clarice na Espanha. Novas editoras se interessam em publicar a literatura da brasileira perfazendo um número de oito livros publicados no mesmo ano. A editora Sabina cria um projeto para publicar toda a obra infantil, de forma que *La mujer que mató a los peces*, *El conejo que sabía pensar*, *La vida íntima de Laura e Casi de verdad* são traduzidos por Elena Losada Soler e podem ser lidos pelos leitores infantis de língua castelhana. Dos outros quatro, um é reedição de *La pasión según G. H.*, pela editora El Aleph, *O Correio feminino* que trata dos contos jornalísticos escritos por Clarice em jornais, a maioria sob pseudônimos, que é traduzido por Elena Losada Soler e publicado pela editora Siruella. Também pela Siruella é feita a terceira impressão de *Aprendizaje o El libro de los placeres*, traduzido por Juan García Gayo e Cristina Sáenz de Tejada e da obra póstuma *Un soplo de vida: (Pulsaciones)*, com tradução de Mario Merlino Tornini.

Em 2009, foram publicadas três obras. Uma nova publicação da obra *La hora de la estrella*, traduzida por Ana Poljak e publicada pela Siruella, já como a 5ª impressão. Y *Donde se enseñará a ser feliz y otros escritos*, cujo o original se chamou *Outros escritos*. A obra contém quatro contos de uma escritora ainda principiante, além de textos escritos enquanto jornalista, estudante de direito, dramaturga, colunista feminina, ensaísta, tradutora, conferencista e entrevistada. O livro tem prólogo e comentários das brasileiras Teresa Montero e Lícia Manzo.

Também a editorial Sabina publica *Cómo nacieron las estrellas: doce leyendas brasileñas*, uma obra infantil pouco conhecida em português. Trata-se de doze lendas brasileiras e que, no Brasil, pode ser encontrada também em CD, inclusive com um dos contos narrado pela voz da neta de Clarice Lispector e outros por atores brasileiros. Na Espanha pode ser encontrado em livro com tradução de Elena Losada Soler.

O que ainda não havia sido publicado na Espanha e passa a ser publicado a partir de 2010, são as correspondências trocadas entre Clarice e seus pares literários, bem como as cartas que enviou às suas irmãs durante o período em que viveu fora do país. *Queridas mias* foi publicado em junho de 2010 pela editora Siruela trazendo a público 120 cartas, o que parece ser apenas o início das correspondência da escritora brasileira.

Em 2011, quando se pensava tudo estar traduzido, a editora Siruela coloca no mercado *Solo para mujeres*, com mais de 300 artigos jornalísticos, publicados sob o pseudônimo de Helen Palmer, Teresa Quadros e Ilka Soares.

Fernando Gaona, editor da Siruela, concede entrevista à Alessandra Carvalho, no *Suplemento Literário Minas Gerais*, em edição especial sobre literatura brasileira na Espanha, em abril de 2009. E, perguntado sobre o tipo de leitores que acolhe as traduções de Lispector, Gaona responde que o público principal é composto por mulheres, escritores e pessoas

com sólidos hábitos de leitura. Com relação ao atrativo que a literatura de Clarice exerce, precisamente, sobre as leitoras, afirma que:

É algo que se baseia em minha experiência pessoal como leitor. O interesse que Clarice desperta em mim está na maneira de contar, de sentir, de fazer falar os personagens, sempre se aprofundando nas emoções e nos acontecimentos da vida com conexões psicológicas muito sutis. Não gosto de definir isso como “próprio do feminino”, porque creio que é algo mais abrangente. Sua escrita é como é, devido ao rico mundo interior, intelectual e experimental dessa mulher, Clarice Lispector. E o que talvez aconteça quanto às leitoras, é que provavelmente as mulheres compreendam melhor, que a maioria dos homens, esse rico e intrincado mundo. Talvez devido à maneira como Clarice aprofunda-se na raiz do que está contando, levando-a ao centro do coração, com a peculiaridade de que esse centro, nela, resulta ser também o centro da mente. E essa conexão, coração-mente, acho que está mais clara na estrutura feminina (GAONA, 2009, p. 15).

Gaona diz que as tiragens iniciais dos livros de Clarice são de 2.500 e 3.000 exemplares e o interesse da editora, pela obra da brasileira, se deu pelo fato de as duas, editora e escritora, possuírem um estilo próprio; uma no escrever e a outra em publicar. As duas se aproximaram e mantêm a relação até o presente. Perguntado sobre qual o livro mais vendido, o editor responde sem qualquer dúvida: *Aprendizaje o el libro de los placeres*.

Uma aprendizagem ou o livro dos prazeres foi publicado originalmente no Brasil em 1969 e é, entre os livros da autora, o que menos recebeu atenção da crítica literária, e a que recebeu não foi muito favorável. O que nos leva a concluir que a relevância do texto ficcional se difere de cultura para cultura, novos elementos de relevância são experimentados, reelaborados, conforme o horizonte de expectativa do leitor. A recepção não é apreendida apenas pela constituição de sentidos, mas como manifestação de determinado grupo e de conceitos que organizam esses agrupamentos.

A recepção espanhola: possibilidades de leituras

O número alto de publicações, inclusive alguns livros com duas traduções, geraram vários estudos sobre a obra da escritora brasileira. Universidade Complutense de Madrid, Universidade de Barcelona e Universidade de Salamanca e Universidade de Valencia e de Vigo são algumas das instituições que desenvolveram investigações de doutorado sobre a produção literária clariciana. Também se podem encontrar textos críticos publicados em revistas e jornais de grande circulação, teses e um número relevante de leitores comuns que se pronunciam em blogs, grupos de leituras e outras discussões produzidas por meio de ferramentas da Internet.

Desse modo, a crítica especializada referente aos textos claricianos vem ganhando destaque dentro da teoria literária espanhola. A biblioteca hispano-americana, uma das maiores e mais completas de Madrid, possui 54 títulos de obras críticas referentes à Clarice Lispector. Entre elas estão livros produzidos pelos estudiosos brasileiros (em português) e os de língua castelhana produzidos por universidades do México, Argentina, Chile,

Colômbia, Bolívia, também obras produzidas em universidades dos Estados Unidos como Tennessee, Flórida e Texas. Grande parte da fortuna crítica internacional sobre Lispector pode ser encontrada na referida biblioteca, além de artigos constantes nas revistas *Cuadernos hispanoamericanos* que apresentam textos sobre Clarice nos números 336 de junho de 1978; 469/470 de Julho e agosto de 1989; no número 481 de julho de 1990; 610 de abril de 2001 e 658 referente a abril de 2005. Também a revista Iberoamericana no número 126, do ano de 1984. Segundo Antonio Maura Barandiarán,

Pode-se afirmar, sem medo de errar, que a escritora brasileira de origem russa conta com um grupo de leitores fiéis. Talvez, isso se deva a autenticidade de seu discurso feminino, que não é feminista, ou ao mistério que rodeia seus textos salpicados de intuições deslumbrantes. Em todo o caso, a naturalidade de seu estilo reforçada pela qualidade das traduções, seu tom confidencial e a profunda significação que dá aos fatos cotidianos aparentemente banais, faz com que seus livros cheguem a um público talvez não tão numeroso, mas de grande fidelidade (MAURA BARANDIARÁN, 2009, p. 700-719)⁶.

Ainda não se pode esquecer os textos informativos e críticos sobre a obra de Clarice Lispector que chegaram à Espanha antes de sua literatura propriamente, por meio da produção de publicações periódicas como da Revista Cultura Brasileira. Em 1973, editada pela embaixada do Brasil, na Espanha, e que hoje pode ser encontrada nos arquivos da coleção de periódicos da *Fundación Cultural Hispano Brasileña* em Madrid, localizamos o artigo “Los Nuevos novelistas Brasileños (a propósito de Clarice Lispector)”, escrito pela portuguesa Teresa Alves Pereira, que pesquisou com mais profundidade a obra *A maçã no escuro*.

Na mesma revista, produzida por profissionais espanhóis e brasileiros, editada pela Embaixada do Brasil na Espanha, encontra-se outro texto, intitulado com o nome da escritora Lispector. Este artigo, assinado pelo crítico brasileiro Helio Póvoas, traz uma apresentação resumida da vida da escritora e como esta surpreendeu a crítica pela pouca idade em relação ao domínio e flexibilidade da língua, junto a um estilo muito original e uma marca muito pessoal. Não se parecia a nenhum outro brasileiro, a mais notável influência foi da escritora Virgínia Woolf. Clarice introduzia nas letras brasileiras um lirismo que não vinha propriamente do tema, porém da estrutura hermética da ficção.

Outro texto com conteúdo crítico publicado antes que a obra de Clarice fosse, de fato, lida na Espanha, encontra-se também na revista *Triunfo*, que apresentava uma coluna de artes e literatura. Nesta coluna foi publicado, em setembro de 1977, o artigo “Literatura y aislamiento”. A autora Renata Rocco-Cuzzi aponta a literatura como espaço de onde se emerge, por um lado, os mesmos problemas inerentes como prática específica, mas também, por outro, um lugar onde se reflexiona uma série de questões muito mais profundas.

⁶ se puede afirmar sin caer en el error que la escritora brasileña de origen ruso cuenta con un grupo de lectores fieles. Tal vez ello se deba a la autenticidad de su discurso femenino, que no feminista, o al misterio que rodea sus textos salpicados de intuiciones deslumbrantes. En todo caso, la naturalidad de su estilo reforzada por la calidad de las traducciones, su tono confidencial y la honda significación que da a los hechos cotidianos aparentemente banales, hace que sus libros lleguen a un público quizás no muy numeroso, aunque sí de gran fidelidad (MAURA BARANDIARÁN, 2009, p. 700-719).

Com esses parâmetros, Rocco-Cuzzi detalha os elementos básicos de *Perto do Coração Selvagem*, um romance que abriu no Brasil uma corrente que mantém em seus traços característicos, a preocupação com a forma, movimentando-se pelo caminho contrário ao realismo, transformando-se em um objeto de sustentabilidade de uma realidade própria e um comportamento individual, isolado de todo o contexto social.

De acordo com Wolfgang Iser, a recepção de um novo texto inclui como condições de realização desse texto o espaço e o tempo. O significado literário é um processo que o texto põe em movimento. Legitimar uma obra, em outro contexto cultural, parte da consciência intelectual ou estética capaz de enxergar as pertinências e impertinências dos sonhos e ilusões que acalentamos ou refutamos. Como no Brasil os contornos críticos da obra clariciana ganharam novos significados à medida que os estudos avançaram e os tempos se modificaram, ainda que no mesmo contexto cultural. É possível que na Espanha, dentro de pouco tempo, a recepção da brasileira ganhe novas conexões entre as camadas instauradoras de recepção, o que não deixa de contribuir para a sua fortuna crítica no Brasil.

ARF, L. M. G. Clarice Lispector and the Dissemination of Her literature in Spain. **Olho d'água**, São José do Rio Preto, v. 7, n. 2, p. 17–29, 2015.

Referências

ARF, L. M. G. *Entre abanicos e castanholas: a recepção de Clarice Lispector na Espanha*. 2013. 354f. Tese (Doutorado em Estudos Literários) - Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas, Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, São José do Rio Preto, 2013. Disponível em: <http://repositorio.unesp.br/bitstream/handle/11449/106333/arf_lmg_dr_sjrp.pdf>. Acesso em: 09 ago. 2014.

FREIXAS, L. *Clarice Lispector*. Barcelona: Ediciones Omega, 2001. p. 15.

GAONA, F. Clarice na Espanha - entrevista concedida a Alessandra Carvalho. *Suplemento literário Minas Gerais*, Belo Horizonte, s/v., n. 1319, p. 15-16, abr./2009. Disponível em: <<http://www.cultura.mg.gov.br/images/2016/SUBSL/2009-abril-1319.pdf>>. Acesso em: 15 mar. 2014.

GILIO, M. E. Con Clarice Lispector en Río. *Triunfo*, Madrid, v. 30, n. 697, p. 52, 1976. Disponível em: <<http://www.triunfodigital.com/mostradorn.php?a%F1o=XXX&num=697&imagen=52&fecha=1976-06-05>>. Acesso em: 09 ago. 2014.

LISPECTOR, C. *Donde se enseñara a ser feliz y otros escritos*. MONTERO, T; MANZO, L. (Org.). Trad. Elena Losada Soler. Madrid: Siruela, 2009.

LOSADA, B. A literatura brasileira vista da Espanha. *Revista Brasileira*, Rio de Janeiro, Academia Brasileira de Letras, ano IX, n. 37, p. 25-42, out.-dez./2003. Disponível em: <<http://www.academia.org.br/sites/default/files/publicacoes/arquivos/revista-brasileira-37.pdf>>. Acesso em: 23 mai. 2014.

MAURA BARANDIARÁN, A. Clarice Lispector. In: LAFARGA, F; PEGENAUTE, L. *Diccionario histórico de la traducción en España*. Madrid: Editorial Gredos, 2009. p. 700-701.

NARBONA, R. *Revista El cultural*. Madrid: Edición de imprensa, 2002. Disponível em: <<http://www.elcultural.com/revista/letras/Cuentos-reunidos/5561>>. Acesso em: 20 maio 2009.

RIVAS, P. *A recepção da literatura brasileira na França*. Paris: Institut Français, 2004. Disponível em: <http://www.institutfrancais.com/adpfpubli/folio/france_bresil/bra/03.html>. Acesso em: 09 set. 2010.

RODRIGUES, A. F. La difusión de la literatura brasileña traducida en España y en Francia. *Cadernos de tradução*, Florianópolis, v. 1, n. 25, p. 95-112, 2010. Disponível em: <<https://periodicos.ufsc.br/index.php/traducao/article/view/2175-7968.2010v1n25p95>>. Acesso em: 15 set. 2010.

Recebido em: 23/05/2015

Aceito em: 27/07/2015